

## “L’AMÉRIQUE ET LES INDIGÈNES”: A VISÃO DO INDÍGENA AMERICANO NA *ENCYCLOPÉDIE*

Flávia Preto de Godoy Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo:

Publicada entre 1751 e 1772, a *Encyclopédie* é considerada por muitos estudiosos como um texto sintetizador das mais importantes ideias iluministas, com ampla difusão entre a sociedade letrada do período, seu impacto como geradora de conhecimento no período foi bastante significativo. No entanto, nos primeiros volumes o verbete dedicado exclusivamente à América fornecia poucas informações geográficas. Esta ausência foi retificada anos mais tarde com a publicação do *Supplément à l’Encyclopédie*. Curiosamente, o verbete *Amérique* foi escrito por Samuel Engel e Cornelius De Pauw. Não sendo as escolhas dos autores da *Encyclopédie* casuais, podemos nos questionar a respeito da imagem da América construída a partir deste verbete. Este trabalho tem como proposta justamente investigar as representações do continente americano e, sobretudo, de seus habitantes, contidas no artigo sobre a América do suplemento à *Encyclopédie*.

### Résumé:

Publiée entre 1751 et 1772, l’*Encyclopédie* est considérée par plusieurs chercheurs comme un texte de synthèse des idées les plus importantes des Lumières. Il s’agit d’une œuvre qui a été très répandue parmi la société lettrée de l’époque et qui, en conséquence, a exercé un effet très significatif sur la production de connaissances de cette période. Néanmoins, dans les premiers volumes, l’entrée dédiée exclusivement à l’Amérique donnait très peu d’informations géographiques. Une telle absence serait rectifiée dans quelques années plus tard, avec la publication du *Supplément à l’Encyclopédie*. Curieusement, l’entrée dédiée à l’Amérique a été écrite par Samuel Engel et par Cornelius de Pauw. Une fois que les choix des auteurs de l’*Encyclopédie* n’ont pas été faits par hasard, on peut se poser des questions sur l’image de l’Amérique qui a été construite à partir de cette entrée là. Cet article se propose à faire des investigations sur les représentations du continent américain, et surtout, de leurs habitants, qu’on peut rencontrer dans l’entrée du *Supplément à l’Encyclopédie* dédiée à l’Amérique.

**Palavras-chave:** Enciclopédia, indígenas, Iluminismo.

**Mots-clés:** Encyclopédie, indigènes, Lumières.

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [flaviapgodoy@gmail.com](mailto:flaviapgodoy@gmail.com)

Na segunda metade do século XVIII, nota-se um renovado interesse europeu em relação à América comparável apenas aquele presente durante o século XVI. A curiosidade a respeito do continente americano pode ser observada em diferentes áreas do saber; presente em obras filosóficas, ou dedicadas à história natural, em livros de literatura ou relatos de viagens, a América tornou-se objeto de reflexão, ou pelo um menos pretexto para abordagem de diversos assuntos.

Os documentos e obras produzidas neste período evidenciam dois eixos temáticos mais frequentes quando o assunto era o Novo Mundo: a natureza e o indígena. Interligados, tais elementos, devido não somente à repetição constante, mas à forma com que eram apresentados, eram tidos como elementos essenciais e caracterizantes da quarta parte do mundo. O indígena americano, em especial, descrito na maior parte das vezes em comparação ao europeu, tomava formas diversas; desprezado como sinônimo de inferioridade, selvageria e atraso por alguns; motivo de intensas defesas por parte de outros autores.

Em torno eixo natureza e indígena, não por acaso, foi estruturado o verbete sobre a América contido obra considerada como referência para o estudo do Iluminismo: a Enciclopédia. Buscando contribuir para as discussões acerca das representações do continente americano dentro do universo cultural europeu do século XVIII, este trabalho tem como objetivo analisar a imagem do indígena no verbete América presente no *Supplément à l'Encyclopédie* (Suplemento à Enciclopédia). Para tanto, além da apresentação do documento, será investigada também de que forma foi constituída a conexão entre os dois eixos apresentados acima (natureza e indígena) e como esta conexão vincula-se à determinada epistemologia do período.

## **1. A América nas obras setecentistas.**

Evitando exageros, como afirmar uma espécie de renascimento em relação ao interesse europeu sobre a América – como se ao longo do século XVII não houvesse uma produção fecunda acerca do tema –, não se deve negar que os círculos intelectuais europeus voltaram suas atenções para o Novo Mundo de maneira diversa do que ocorria no período anterior. Como já apontamos, obras científicas e filosóficas foram dedicadas, parcial ou totalmente, na reflexão sobre a história, os habitantes, a constituição física, geográfica e biológica do continente americano.

Curiosamente, a atenção em relação à América não estava restrita aos países ibéricos, isto é, às metrópoles que controlavam grande parte do território. Especialmente autores de origem francesa dedicaram obras à América. Jean-Pierre Clément, ao realizar uma análise comparativa entre espanhóis e franceses, notou que não havia grande disparidade no número de trabalhos publicados sobre a América hispânica na Espanha ou na França. Atendo-se apenas à quantificação, pode-se afirmar que o interesse seria similar entre os intelectuais das duas nações. Obviamente, a análise posterior de Clément, focalizando os objetivos das obras, revelou diferenças significativas<sup>2</sup>. Contudo, o que se pretende enfatizar que embora com propósitos diversos, a América era um tema de relevância para os homens da época das Luzes, independente da nacionalidade. Voltaire em seu *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*, por exemplo, ressaltou a importância das viagens realizadas por portugueses e espanhóis, as quais permitiram que dois mundos que se desconheciam entrassem em contato, considerando tais encontros como um dos fatos mais significativos da história humana. O pensador francês também destacou em alguns trechos o impacto das navegações ibéricas da modernidade, comparando-as com aquelas realizadas na Antiguidade. O filósofo iluminista dedicou parte do volume a questões acerca do continente americano (VOLTAIRE, 2010). Assim, longe de ser um tema marginal, a América ocupava um espaço relevante nas obras do período.

Por algum tempo, esse renovado interesse pela América foi explicado por meio do gosto pelo exotismo das terras longínquas que também marcou o gosto pelo estudo de povos como os chineses, japoneses e malineses. No entanto, como enfatizou Maria das Graças de Souza, os pensadores iluministas utilizavam o exotismo colonial da América para

*“refletir sobre sua própria sociedade, e, neste sentido, suas referências à América lhes servem muito mais para conhecer a si mesmos do que aos americanos. Frequentemente, o recurso aos temas relativos à América são instrumentos de esclarecimento ou mesmo de demonstração de sua própria filosofia”* (SOUZA, 2001, p. 209).

Portanto, a análise da imagem do continente americano em obras iluministas revela não apenas as percepções e as representações europeias do continente americano, mas pode também mostrar um caminho para compreensão de conceitos e ideias centrais dentro do

---

<sup>2</sup> Segundo Clément, o conhecimento obtido por espanhóis em relação à América derivava menos de especulações de ordem filosófica que razões pragmáticas. Centrados na botânica, farmacologia e na delimitação de fronteiras, estudiosos espanhóis teriam escrito trabalhos sobre o continente americano. (CLÉMENT, 1982, pp. 67-68).

pensamento do período. O trabalho de Antonello Gerbi, escrito há mais de três décadas, já indicava esse aspecto. Basta lembrar que a chamada disputa do Novo Mundo colocava também em questão o papel da Europa no cenário mundial, mesmo nos discursos que ratificavam uma pretensa superioridade do Velho Continente e de seus habitantes em comparação com o resto do globo. O renovado e polissêmico interesse pela América estava difundido não apenas entre os europeus, mas até mesmo entre os habitantes do continente americano, uma vez que estava presente nas obras mais relevantes e difundidas da época das Luzes, entre elas a Enciclopédia.

## **2. A América na *Encyclopédie***

A *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de Gens de lettres* editada por Diderot e D'Alembert, foi considerada por muitos historiadores como uma obra revolucionária em seu tempo. Segundo Robert Darnton, não era exatamente em seu conteúdo que residia a grande transformação da Enciclopédia, afinal, versando por inúmeros temas, alguns como grãos ou chapéus, que não necessariamente continham elementos do pensamento das Luzes, parte da obra eram descrições de práticas, artes e ofícios comuns no período. Contudo, como apontou Peter Burke, as enciclopédias no período moderno tornaram-se instrumentos de conhecimento cada vez mais necessários, cuja disponibilidade e alcance se ampliaram. O modo de sistematizar o saber nessas obras era radicalmente novo. O projeto da *Encyclopédie* organizado por Diderot e D'Alambert insere-se como exemplo máximo desta afirmação, da mesma forma como uma obra representativa daquilo que era encarado como conhecimento no final do século XVIII. Em seus verbetes podemos observar para além de opiniões pessoais dos autores, a presença de ideias comungadas por parte considerável dos letrados (BURKE, 2003). Para Darnton, a principal ruptura da Enciclopédia foi a tentativa de construção de uma nova divisão entre o que se conhecia aquilo tido como incognoscível, eliminando parte do que compunha o saber de até então (DARNTON, 1986, p. 205). Ao conferir menor espaço a temas ligados ao universo religioso, ou ainda, excluir conhecimentos não-empíricos, os enciclopedistas passaram a estruturar o saber a partir de novas bases epistemológicas. Tal aspecto torna-se importante dado o alcance que esta obra teve ao longo das décadas que sucederam sua publicação.

Significativo, no entanto, é o fato de que nos volumes organizados por Diderot e D'Alembert constava apenas um verbete intitulado *Amérique, ou le Nouveau-monde, ou les Indes Occidentales* (América, ou o Novo Mundo, ou as Índias), escrito provavelmente por Diderot, cujo conteúdo faz menção apenas às divisões geográficas e aos produtos que eram comercializados em cada região (DIDEROT e D'ALEMBERT, 2010). Embora a América, bem como os habitantes do continente, seja mencionada em outros verbetes, como antropofagia, cordilheira dos Andes, caribes, é surpreendente que o artigo sobre o cacau contenha mais informações e análises que o verbete sobre o Novo Mundo. Obviamente, como foi mencionado acima, essa ausência não pode ser entendida como um desinteresse do público europeu em relação ao continente americano.

Esta carência de mais informações possivelmente foi notada pelos contemporâneos da *Encyclopédie*, uma vez que no suplemento escrito alguns anos após a primeira edição da enciclopédia já constava um artigo dedicado à América. Publicado entre 1776 e 1777, o *Supplément à l'Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* foi organizado por Jean-Baptiste René Robinet e pode ser considerado um desdobramento da Enciclopédia, visando acrescentar e corrigir algumas falhas da edição organizada por D'Alembert e Diderot. O verbete *Amérique*, foi escrito parte por Samuel Engel – importante geógrafo suíço do século XVIII - e, curiosamente, por Cornelius De Pauw – autor prussiano cujas obras versavam sobre a história, a cultura e a sociedade de diferentes povos<sup>3</sup>. Entre os trabalhos de De Pauw destaca-se *Recherches philosophiques sur les Américains, ou Mémoires intéressants pour servir à l'Histoire de l'Espèce Humaine. Avec une Dissertation sur l'Amérique & les Américains*, considerado um dos escritos mais controversos na chamada disputa do Novo Mundo, uma vez que a natureza e os habitantes da América foram detratados e considerados degenerados.

Pode-se afirmar que as escolhas daqueles que contribuiriam para o suplemento da Enciclopédia não eram casuais; em geral autoridades sobre o assunto, como cientistas, estudiosos e filósofos, eram convocadas a dedicar-se a empreitada. Sem dúvida, De Pauw consagrou parte de sua vida intelectual à reflexão sobre a América, mas, tendo em vista as informações apresentadas sobre o autor, podemos visualizar de antemão alguns condicionantes que regeram o retrato do continente americano elaborado no suplemento

---

<sup>3</sup> O verbete *Amérique* do *Supplément à l'Encyclopédie*, assim como outros artigos encontram-se disponíveis para consulta online em <http://artflx.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.1:886.supplement2.3048105> acesso em 06/06/2010. Todas as citações do verbete *Amérique* podem ser encontradas no idioma original neste endereço eletrônico. As citações estão traduzidas de forma livre do original e foram feitas pela autora do artigo.

oficial à *Encyclopédie* e que de certa forma contribuíram para construção de determinada representação do continente americano.

A estrutura do verbete estava dividida em duas partes: a primeira escrita por Cornelius De Pauw e a segunda produzida por Samuel Engel.

O estudioso prussiano iniciou sua argumentação enfatizando um aspecto quase que consensual entre os autores iluministas: a importância das navegações e dos descobrimentos do século XVI. Para tanto, estabeleceu uma comparação com outras possíveis navegações, como aquelas empreendidas pelos antigos, pelos chineses ou ainda pelos vikings. Em seguida, e com maior atenção, dedicou-se à população do continente; além de apontar alguns povos americanos, caracterizou a constituição física dos indígenas – como a ausência de barba, a estatura, o gigantismo dos patagônios. Logo em seguida, descreve o clima americano e suas influências e aborda a questão do despovoamento do continente. Além disso, aspectos relativos a sua organização social e suas práticas culturais também são abordados por De Pauw. Por fim, elabora uma reflexão acerca das fontes sobre a América e dos critérios que deveria haver para utilizá-los como informações verdadeiras.

Samuel Engel tem um recorte mais circunscrito. Centrando suas análises na região setentrional da América, esse geógrafo preocupou-se também com a questão da credibilidade das fontes, inclusive relações de viagens e cartas cartográficas; essa foi a questão que se ocupou na parte inicial de seu texto. Na segunda parte do texto, Engel abordou diferentes regiões do norte da América, como os territórios próximos ao rio Mississipi, ao lago Michigan ou ao rio Missouri, atendo-se em descrever, muitas vezes de forma sintética, os habitantes e as condições geográficas (relevo e rios) daquelas áreas, bem como, analisa os relatos existentes. Samuel Engel discutiu também sobre a selvageria (barbárie) e as civilizações dentro da América setentrional e a possível origem dos americanos, especialmente de povos como os incas e os astecas, uma vez que se tratava de um tema sobre o qual o geógrafo realizava estudos.

De Pauw, como foi mencionado anteriormente, foi um dos principais detratores do continente americano na chamada Disputa do Novo Mundo, o texto escrito para o suplemento à Enciclopédia reproduz alguns dos raciocínios que constituíram a polêmica. Embora, como afirmou Antonello Gerbi, o conteúdo do verbete *Amérique* fosse menos agressivo e com afirmações atenuadas se comparadas àquelas encontradas em *Recherches philosophiques sur*

*les Américains*, devido entre outros motivos às críticas sofridas por sua obra e ao fato de ser um artigo da *Encyclopédie* (com formatos e objetivos diferentes e revisão dos organizadores) (GERBI, 1996, pp. 91-92), ainda assim encontram-se nas quase dez páginas do verbete as principais depreciações imputadas à América pelo enciclopedista.

O alvo das análises negativas de Cornelius De Pauw foram os indígenas, os quais eram vistos como selvagens que viviam na barbárie, cujos costumes eram abomináveis (antropofagia, incesto e eugenia, por exemplo). Os povos indígenas eram bestiais, débeis, irracionais e ainda que houvesse uma grande diversidade linguística entre os grupos, estes tinham seu vocabulário reduzido, não existindo palavras para assuntos, que, segundo De Pauw, tinham maior grau de complexidade, como a metafísica. Mesmo em relação a sua constituição física eram inferiores, pois eram impúberes, não tinham pelos nem barba e possuíam pequena estatura:

*“Eis o que ninguém havia mesmo imaginado na América, onde os homens estavam de maneira incomensurável num estado menos industrioso e menos inventivo que os habitantes de nosso hemisfério: sua indolência e, sobretudo, sua preguiça marcou os observadores mais atentos e esclarecidos. Enfim, a estupidez que eles testemunham em certos casos, é tal que eles parecessem viver, seguindo a expressão de M. de La Condamine, numa eterna infância.”*<sup>4</sup>(PAUW, 1776/1777, p. 344)

Os nativos da América eram covardes, não cultivavam suas terras, eram preguiçosos e embriagavam-se com frequência. Ao confrontar os julgamentos estabelecidos pelo iluminista prussiano em relação aos americanos com os princípios que regiam o pensamento iluminista, ou seja, com caracteres louvados por aqueles pensadores, chega-se à conclusão óbvia de que em tudo estavam os indígenas em antagonismo com a civilidade e a racionalidade. Basta lembrar o texto clássico de Kant escrito alguns anos após o verbete de De Pauw, no qual ele respondeu à pergunta ‘o que é iluminismo’ apontando como fatores responsáveis pela permanência do homem na menoridade a vileza, a preguiça e a falta de coragem, sendo o iluminismo a saída do homem deste estado de incapacidade (KANT, 2007). Covardes, negligentes e ociosos estavam os povos americanos alocados na categoria de incapazes e, portanto, inferiores aos europeus.

---

<sup>4</sup> Or voilà ce que personne n'avoit même imaginé en Amérique, où les hommes étoient sans comparaison moins industriels, moins inventifs que les habitans de notre hémisphere: leur indolence & leur paresse ont sur-tout frappé les observateurs les plus attentifs & les plus éclairés. Enfin la stupidité, qu'ils témoignent en de certains cas, est telle qu'ils paroissent vivre, suivant l'expression de M. de la Condamine, dans une éternelle enfance.

Entretanto, apesar de centralizar suas asserções acerca do indígena, as explicações para a composição deste quadro encontravam-se na natureza. Mesmo porque entre tais pensadores permeava a noção de que os povos indígenas não pertenceriam à história das civilizações, por serem primitivos e selvagens, assim como os animais deveriam ser investigados como parte da história natural. Voltaire, por exemplo, compartilhava esta postura ao encarar os povos selvagens, americanos ou não, como o extremo oposto de uma história das civilizações, sendo o Novo Mundo, por excelência, um local marcado pela ausência da história e, por conseguinte, sua população vista como inferior em relação aos europeus, dotados de memória (CHAMCHAM, 2003, p. 98). No excerto do *Supplément*, citado acima este rebaixamento dos povos da América se dá nas comparações feitas com os povos que habitavam a Europa na Antiguidade no que concerne à obtenção de fogo. Não visava o autor a dignificar os indígenas por meio de uma contraposição com os antigos, isto porque não os comparava a gregos e romanos (tidos como modelos quanto à moral, ética e razão) como fizeram os cronistas dos contatos iniciais, mas sim com os primeiros homens que habitaram o continente europeu, tidos também como primitivos, fixados em uma etapa anterior do desenvolvimento humano. Enquadrar os nativos do Novo Mundo em uma fase antecedente da evolução não significava abrir para a possibilidade que estes indivíduos alterassem o estado e as condições em que viviam, ou seja, da maneira como o autor teceu seus argumentos, a natureza inferior do indígena é inalterável.

O protagonismo científico da história natural também elucidada o porquê se centraram as explicações para a inferioridade indígena nas condições físicas do continente americano. É importante lembrar que durante o século XVIII, os estudos naturalísticos ganharam espaço entre os letrados do período. Houve não somente o crescimento de obras dedicadas à temática, mas também o surgimento de jardins botânicos, de gabinetes de história natural e de expedições consagradas ao maior conhecimento da natureza em suas distintas manifestações e a disseminação de experimentações e debates em torno do assunto, discussões que abrangeram inclusive a polêmica que é aqui analisada (VARELA, 2005, p. 32). Esta preponderância da história natural já era assinalada pela *Encyclopédie*:

*“No presente século a ciência da história natural está sendo cultivada como jamais foi, não somente a maior parte das pessoas de letras fazem dela um objeto de estudo*



ou de distração, mas há um gosto por esta ciência que se espalhou entre o público e que se tornou cada dia mais vivo e geral.”<sup>5</sup> (DIDEROT e D’ALEMBERT, 2009)

A experimentação, a observação e a razão – que caracterizavam o pensamento científico de então – eram colocadas à disposição para o estudo da natureza. A importância da história natural era tanta no período, que o próprio D’Alembert não apenas caracterizou o século como a época da filosofia, mas também das ciências naturais (BARANONA, 1993, p. 8), de certa forma igualando-as em prestígio.

Para Cornelius de Pauw e muitos de seus contemporâneos as raízes para os males americanos estariam no clima e nas condições físicas muito diversas daquelas encontradas no velho continente. Tremores de terras, variações de temperatura, vulcões e especialmente as inundações foram colocados em evidência para interpretar a degeneração do homem no continente americano. O excesso de água gerado pelo dilúvio teria tornado o continente americano encharcado e, conseqüentemente, debilitado sua natureza. A partir da leitura da parte do verbete *Amérique* escrita por De Pauw forma-se a imagem de um mundo natural pouco generoso para os americanos, cujas situações oferecidas tornaram-se, ao longo do desenvolvimento daquela população, um obstáculo muito difícil de ser transposto e não um local fecundo que colaborava para os prodígios humanos. Mesmo os animais eram acometidos por estas implicações. No continente inexistiam grandes quadrúpedes e os insetos eram abundantes. Estes argumentos, segundo o autor, não estavam fundados em suposições pautadas na crença ou na especulação, mas na razão e na observação metódica – embora o pensador prussiano nunca tenha pisado no continente americano. No mais, eles estavam em consonância com as asserções feitas por outro famoso detrator da América, Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, cujas obras eram bastante respeitadas nos círculos intelectuais europeus<sup>6</sup>.

Apesar da postura detratora de Cornelius De Pauw, nota-se outra imagem do continente na segunda parte do verbete *Amérique* do suplemento à Enciclopédia. Com outros propósitos e um recorte mais específico, Samuel Engel não imputou ao Novo Mundo uma

---

<sup>5</sup> “Dans le siècle présent la science de l’*Histoire naturelle* est plus cultivée qu’elle ne l’a jamais été; non seulement la plûpart des gens de lettres en font un objet d’étude ou de délassement, mais il y a de plus un goût pour cette science qui est répandu dans le public, & qui devient chaque jour plus vif & plus général. ”

<sup>6</sup> Menos contundente, Buffon afirmava que o clima úmido e quente do Novo Mundo corrompia, sufocava e era responsável pela proliferação de animais de sangue frio, como répteis e insetos, bem como pelo pouco desenvolvimento dos quadrúpedes. Considerava a natureza deste território mais fraca e débil, menos variada e menor que a do Velho Mundo, sendo, portanto, mais hostil ao desenvolvimento dos animais e dos homens. Para outras informações sobre a obra de Buffon, a referência mais importante ainda é a obra de Antonello Gerbi, *O Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)* editada em português pela Companhia das Letras em 1996.

condição de inferioridade. Em suas longas descrições sobre a hidrografia da América setentrional, o geógrafo não faz menção a uma umidade infecunda do território; a abundância de volume d'água dos rios e dos lagos não representa um fator degenerativo. Utilizando-se de relatos de viajantes, como o Barão de La Hontan – Louis-Armand de Lom d'Arce, militar francês que explorou pela região dos rios Wisconsin e Mississipi, cujo relato de viagem foi lido e influenciou pensadores iluministas –, Engel traçou um perfil muito diferenciado das sociedades indígenas se comparado a De Pauw. Acreditava que os povos indígenas eram numerosos e enfatizava sua civilidade, comparável à europeia. Apoiado nesses relatos de viagem, o autor de parte do verbete *Amérique* afirma:

*“E M. de Bourgmont... encontrou também as nações mais doces, engenhosas à medida que avançou pelo oeste: o Padre Charlevoix que percorreu todo o Canadá, e se informou exatamente de tudo o que ele não viu, ficou tão impressionado com que aprendeu da maneira civilizada que viviam algumas nações, que, não pode concordar com a ideia que se forma daqueles que chamamos de selvagens.”*<sup>7</sup>  
(ENGEL, 1776/1777, P. 360)

Os indígenas não são encarados como bestiais ou bárbaros por Engel. Embora existam limitações nas caracterizações feitas, afinal, foram atribuídas apenas aos povos da América do Norte e outros grupos americanos foram descritos como selvagens pelo autor, há uma representação diversa da América nos escritos de Engel. Não se trata de uma defesa veemente como aquelas escritas por Pernety, contudo seu posicionamento é positivo, especialmente quando comparado às páginas que antecedem seu texto.

Logo, o verbete *Amérique* não expressa em suas páginas uma homogeneidade de opiniões acerca do objeto investigado. Assim como outros artigos da Enciclopédia e como o próprio pensamento iluminista, o verbete é heterogêneo, plural, abrindo espaços para leituras variadas sobre a América e seus habitantes. Entretanto, um vínculo subjaz a diferença de visões entre De Pauw e Engel. Este laço é epistemológico e pode ser percebido na relação entre esses autores e suas fontes.

### **3. O dilema das fontes: a verificação do engano e da verdade no verbete América**

---

<sup>7</sup> “Et M. de Bourgmont (...) a aussi trouvé les nations plus douces, plus polies, plus ingénieuses, à mesure qu'il s'est avancé vers l'ouest: le P. Charlevoix, qui a parcouru tout le Canada, et s'est informé exactement de ce qu'il n'a pas vu, a été si frappé de ce qu'il apprenoit de la manière policée dont quelques nations vivoient, que, ne pouvant pas le concilier avec l'idée qu'on se forme de ce qu'on nomme *sauvages* ”

Tanto Cornelius De Pauw quanto Samuel Engel mostravam-se preocupados em seus textos com a questão das fontes sobre a América e tentaram evidenciar seus métodos de seleção, ou pelo menos elucidar o porquê determinada fonte é digna de crédito, enquanto outras relegadas ao espaço do fabuloso. Esta atenção com a documentação está relacionada ao emergir de novos pressupostos que validavam o saber histórico.

De acordo com o historiador equatoriano Jorge Cañizares Esguerra, ao longo do século XVIII, novas formas de crítica ligadas à história erudita e posteriormente à história filosófica substituíram as tradicionais técnicas externas de julgamento do valor do documento – a avaliação da autoria da obra como sinalizador de sua confiabilidade – pela análise da coerência interna dos relatos, colocando em questão a fiabilidade de muitos documentos. As inconsistências, as contradições, as asserções contrárias ao senso comum ou às leis da natureza e elementos maravilhosos que não condiziam com a lógica europeia daquele momento, imputavam inverossimilhança às crônicas, sendo estas descartadas como fonte de informações confiáveis sobre o continente. Ademais, a historiografia do século XVIII em seu primado pela exclusão das considerações morais e estéticas na delimitação do verdadeiro e falso nos documentos contribuía para a rejeição de fontes tradicionais, como as crônicas quinhentistas sobre o Novo Mundo.

Simultaneamente e conectada a este processo estava a reabilitação de alguns tipos de fontes e o surgimento de outras formas de testemunho, como os escritos hieroglíficos de povos mesoamericanos, os vestígios arqueológicos, fósseis humanos e de animais e descobertas geológicas que permitiam a elaboração de uma nova concepção da história do Novo Mundo. Livres de considerações morais e estéticas estas fontes permitiriam ao estudioso uma reflexão filosófica sobre o passado e o presente daquela região. De Pauw, por exemplo, sustentava sua argumentação sobre os povos americanos a partir de uma interpretação pautada na história natural; a explicação para o desencadeamento histórico do continente estaria no dilúvio que teria encharcado tais terras e as condicionado a uma situação de degeneração natural (CAÑIZARES ESGUERRA, 2007, pp. 89-90). O ilustrado prussiano não era exceção neste quadro. Outros letrados apoiados nas novas formas de evidência repudiaram as crônicas e outros documentos tradicionalmente usados para o estudo da história da América.

Com relação às fontes, De Pauw rejeitava os documentos que por anos alicerçaram o saber europeu sobre a América, tais como as obras de Pedro Mártir de Anglería, Gonzalo

Fernández de Oviedo ou ainda os escritos de Inca Garcilaso. Acreditava que elas continham demasiados fatos enganosos e fabulosos e por isso deveriam ser descartas ou pelo menos lidas com certa desconfiança.

*“Quando se deseja ter uma ideia do estado que se encontrava o Novo Mundo no momento da descoberta, é necessário estudar as relações [de viagens] e empregar sem cessar uma crítica judiciosa e severa para afastar as falsidades e os prodígios, os quais são abundantes nelas; os compiladores, que não possuem nenhuma espécie de espírito esclarecido, deixam tudo o que encontram nos relatos de viajantes e estes são, enfim, romances (novelas) repulsivos que se multiplicam demasiadamente hoje em dia, porque é mais fácil escrever sem refletir, do que escrever refletindo.”*<sup>8</sup>  
(PAUW, 1776/1777, p. 353)

A veracidade das crônicas foi colocada sob suspeita, por vezes foram estas fontes condenadas ao estatuto do inverossímil. Segundo o escritor prussiano, não apenas os dados que elas continham eram desacreditados, mas as próprias descrições tidas por absurdas e exageradas. Compostas por espanhóis ou americanos, tais narrativas apresentavam problemas estruturais, relacionados inclusive a sua autoria. Mesmo sendo europeus, os espanhóis não eram eximidos de culpa; eram negligentes, indolentes e gananciosos. Não tinham a curiosidade necessária para o estudo daquela região. Já os americanos, degenerados, possuíam todos os defeitos das crianças, não tinham sequer elevação de espírito necessária para se suprir a necessidade de notícias sobre o Novo Mundo. Entretanto, eram muitas vezes essas obras que alicerçavam ou confirmavam suas argumentações sobre a América. José de Acosta, jesuíta e espanhol foi mencionado por de Pauw no verbete *Amérique* em diferentes trechos como autoridade a respeito de determinados assuntos (como possíveis inundações no novo continente). Mesmo o *criollo* Inca Garcilaso de la Vega não era apresentado como imbecil quando se tratava de ratificar suas teses.

Samuel Engel não atacou um tipo específico de documentação, contudo os primeiros parágrafos de sua parte do verbete América são dedicados exclusivamente para reflexão sobre os critérios que deveriam orientar a validação de determinado relato de viagem sobre a América. Esses critérios, no decorrer do texto, foram utilizados em sua análise sobre a credibilidade da relação de viagem escrita pelo Barão de La Hontan.

---

<sup>8</sup> “Quand on veut avoir une idée de l'état où se trouvoit le nouveau monde au moment de la decouverte, il faut étudier les relations, et employer sans cessé les faussetès e les prodiges dont elles fourmillent: les compileurs qui n'ont aucune espèce d'esprit, entassent tout ce qu'ils trouvent dans les jounaux des voyageurs, et sont enfin, des romans dégoûtans qui ne se sont que trop multiplies de nos jours, parce qu'il est plus aisé d'écrire sans réfléchir que d'écrire en réfléchissant ”.

Em seus axiomas, o geógrafo aponta que para ser considerado autêntico, um relato de viagem deve ser analisado em múltiplos aspectos. O primeiro ter sido produzido por alguém que viu as regiões descritas. As circunstâncias e as pessoas ligadas à produção das narrativas de viagens também devem ser consideradas, atentando sempre na busca de outras marcas de autenticidade. Para Engel, as descrições antigas não deveriam ser desacreditadas apenas por serem antigas, muitas delas traziam fatos fidedignos, no entanto, quando houvesse contradição entre dois relatos sobre um mesmo assunto, deveria ser privilegiado o mais recente. As circunstâncias, probabilidades de tal fato existir e as contradições internas deveriam ser consideradas na avaliação da veracidade do relato. Outro fator a se considerar, para Engel, é a inexistência de relatos sobre determinado país, se isso ocorresse, ele afirmava ser preciso apoiar-se em conjunturas. O autor também adverte sobre a existência de vários nomes para uma mesma região, o que não desqualifica as diferentes narrativas que apresentavam tais variações. Por fim, sendo seu objeto central de investigação, o geógrafo reforça a necessidade de que os mapas sejam baseados em relações autênticas, caso contrário, não possuiriam nenhuma serventia. Assim, o texto de Samuel Engel presente no suplemento à Enciclopédia revela simultaneamente a importância da reflexão sobre a credibilidade das fontes e ratifica a ideia do desenvolvimento de novos critérios epistemológicos para construção do saber, especialmente, o conhecimento histórico e antropológico, como foi apontado acima.

Portanto, embora as visões sobre o continente americano e os seus habitantes dos dois autores que produziram o verbete *Amérique* sejam contraditórias, ou pelo menos, apresentem diferenças significativas em determinados aspectos, ainda assim existe uma unidade interna no artigo. O ponto de coesão que permite que os textos de De Pauw e Engel figurem na mesma entrada do suplemento é justamente essa sensibilidade que alicerça suas argumentações a respeito daquilo que seria verdadeiro ou falso em escritos sobre o continente americano. Sensibilidade essa que pode ser entendida como a epistemologia sob a qual fundava todo o saber e não apenas os relatos históricos ou geográficos e, dessa maneira, permeava toda Enciclopédia. Por meio da leitura do verbete América, pode-se afirmar que o Iluminismo não excluiu posicionamentos divergentes sobre algum tema, não somente era possível a existência de múltiplas ideias sobre um tema, como elas poderiam ser apresentadas lado a lado. A exigência dessa corrente de pensamento situava-se na vinculação a determinados pressupostos epistemológicos, os quais garantem o status de veracidade ao relato ou a tese escrita.

Obviamente, as afirmações presentes neste trabalho são conclusões preliminares de uma análise feita a partir de um recorte bastante específico. Um desenvolvimento possível dessa pesquisa seria verificar até que ponto as asserções feitas sobre o verbete *Amérique* são encontradas nas obras de outros autores iluministas que se dedicaram ao estudo do Novo Mundo. Contudo, é importante salientar, o quão estimulante é perceber que um documento de poucas páginas, como o texto analisado nesta investigação, é capaz de enriquecer as reflexões acerca de determinado assunto, ampliando o horizonte de análise.

### Referências Bibliográficas

BARAHONA, Ana. “La Historia Natural y el concepto de vida en Buffon”. In: *Revista de Historia de América*, n.º 116, julho – dezembro de 1993.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAÑIZARES ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo – Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo Atlántico del siglo XVIII*. México: FCE, 2007.

CLÉMENT, Jean-Pierre. “La place de l’Amérique hispanique dans les écrits espagnols du XVIII<sup>e</sup> siècle”. In: DEMELAS, Marie-Danielle [et. Al.] *Études sur l’impact culturel du Nouveau Monde*. Paris: Editions L’Harmattan, 1982.

CHACHAM, Vera. “O lugar da América na história: História Natural, estado de natureza, objeto de cobiça dos homens”. In: *Varia Historia* n. 30, julho de 2003, p. 98.

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DIDEROT e D’LAMBERT. *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une Société de Gens de lettre*. Volume 1, p. 356. Disponível em: <http://artflx.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?p.3:28.encyclopédie0110> acessado em 06/06/2010.

ENGEL, Samuel. “Verbetes América”. In: ROBINET, Jean-Baptiste René (org.). *Supplément à Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Amsterdam: M. M. Rey, 1776/1777. Disponível em: <http://encyclopédie.uchicago.edu/node/137> Acesso 17/06/2010.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KANT, E. *O que é o Iluminismo?* Disponível em: <http://rgirola.sites.uol.com.br/Kant.htm> acessado em 23/10/2007.

PAUW, Cornelius de. “Verbete Amérique”. In : ROBINET, Jean-Baptiste René (org.). *Supplément à l'Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Amsterdam: M. M. Rey, 1776/1777. Disponível em: <http://encyclopedie.uchicago.edu/node/137> Acesso 17/06/2010.

SOUZA, Maria das Graças de. *Ilustração e História. O pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

VARELA, Alex Gonçalves. *Atividades científicas na “Bela e Bárbara” Capitania de São Paulo (1796 - 1823)*. Campinas, SP: [s.n.] Tese de Doutorado, 2005.

VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*. Chap. CXLV. Disponível em: <http://www.voltaire-integral.com/Html/12/05ESS160.html#145> acesso em 06/06/10.